

EDITORIAL

"Já podeis, da Pátria filhos
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil"

O Príncipe Regente Dom Pedro respondeu de duas formas aos versos acima apresentados, escritos em agosto de 1822 por Evaristo da Veiga, exaltando o sentimento que dominava o coração da brava gente que aqui vivia. Primeiro, com o brado retumbante às margens do Ipiranga, em 7 de setembro, atendendo conselhos de sua esposa, Princesa Leopoldina, e do Ministro do Reino, José Bonifácio, e, assim, refutando as ordens vindas das Cortes Portuguesas que, se atendidas, levariam o Brasil de volta à situação de colônia. Segundo, em 1824, compondo uma música para aquele poema, que hoje constitui o Hino da Independência cantado por todos os brasileiros, celebrando a liberdade e a soberania que desfrutamos.

Entretanto, para ecoar aquele brado em todos os rincões do grande território – e manter sua integridade – foi necessário criar e empregar um Poder Militar. Tendo em vista as distâncias envolvidas e a ausência de estradas ligando o Rio de Janeiro com o restante do País, ficou marcante a importância da recém-organizada Armada Imperial para assegurar que o “sol da Liberdade, em raios fúlgidos” brilhasse no céu de toda a Pátria.

Dessa forma, esta edição inicia com entrevista do Comandante da Marinha sobre nossa apreciada “instituição secular, reconhecida e admirada pelo seu povo, dona de uma história pontuada por episódios gloriosos e por uma atuação



Os jangadeiros alagoanos (1922)



Exposição Internacional do Centenário da Independência (1922)



Presidente da República, embarcado no Cruzador "Barroso", passa em revista os navios fundeados (1922)

invicta e cujo papel foi fundamental para nos legar este grande Brasil: rico, soberano, respeitado e bem querido no concerto das nações”, e continua a narrativa iniciada no quarto trimestre de 2021, apresentando textos que descrevem, sob diferentes óticas, a etapa central do processo que resultou na nossa emancipação política.

Ao longo dessa singradura de duzentos anos ocorreram várias comemorações, como em 1922, ano do Centenário da Independência, com destaque para a Exposição Internacional, que procurou mostrar o estágio alcançado pelo Brasil em termos de desenvolvimento social, econômico e tecnológico. Outro evento marcante foi a homenagem à nossa efeméride feita por Portugal: a Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, realizada pelo Almirante Gago Coutinho e pelo Comandante Sacadura Cabral, oficiais da Marinha Portuguesa, utilizando hidroaviões, epopeia lembrada este ano pela Expedição Lusitânia – essas duas aventuras estão registradas em artigos desta edição.

Outras atividades de 1922 dignas de registro foram: aprovação do Hino Nacional, em 6 de

setembro; primeira transmissão radiofônica no Brasil, com a ópera “O Guarani” e discurso do Presidente da República, no Theatro Municipal, empregando antena emissora localizada no Morro do Corcovado e receptores em Niterói, Petrópolis e São Paulo; épica travessia de pescadores, a bordo da pequena jangada “Independência”, que saiu de Maceió em 27 de agosto de 1922 e chegou no Rio de Janeiro 98 dias depois; e inauguração do Panteão dos Andradas, em Santos, em 7 de setembro de 1823, encerrando as festividades do Centenário.

Para memorar o Bicentenário da Independência e da Esquadra, a Marinha vem cumprindo extenso Calendário de Eventos desde setembro de 2021, com atividades cívico-militares, acadêmicas, culturais, sociais, beneficentes e esportivas. Nesse contexto, vale destacar a Revista Naval realizada em 10 de setembro, quando o Presidente da República, a bordo do Navio-Patrolha Oceânico “Apa”, passou em revista 23 navios fundeados na Baía da Guanabara, sendo doze estrangeiros, relembrando evento similar ocorrido em 1922. ■

Revista Naval realizada em 10 de setembro deste ano em comemoração ao Bicentenário da Independência

José Henrique Salvi Elkfury
Contra-Almirante (Refº-FN) • Diretor Cultural

